



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

OTACÍLIO PEREIRA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O USO DOS SELOS POSTAIS COMO
RECURSO DIDÁTICO**

**JOÃO PESSOA – PB
2020**

OTACÍLIO PEREIRA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O USO DOS SELOS POSTAIS COMO
RECURSO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr^o José Ramos Barbosa da Silva, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729e Souza, Otacilio Pereira de.

Educação de jovens e adultos: o uso dos selos postais
como recurso didático / Otacilio Pereira de Souza. -
João Pessoa, 2020.

55 f.

Orientação: José Ramos Barbosa Silva.

TCC (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Recursos de ensino.
3. Recurso didático - selo postal. I. Silva, José Ramos
Barbosa. II. Título.

UFPB/CE

CDU 374.7(043.2)


OTACÍLIO PEREIRA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O USO DOS SELOS POSTAIS COMO
RECURSO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr. José Ramos Barbosa da Silva, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 02/04/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Ramos Barbosa da Silva
(Orientador – CE/UFPB)

Profa Dr^a Quézia Vila Flor Furtado
(Membro interno – CE/UFPB)

Profa Dr^a. Maria Alves Azeredo
(Membro interno – CE/UFPB)

“O que ensina esmere-se no fazê-lo”. (Romanos 12:7)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida esposa Rebeca, aos meus filhos Samuel e Gabriel, à minha mãe Dona Tânia, e às minhas irmãs Sislene e Flávia pelo amor dedicado a mim; ao meu pai, Cecílio, que ao longo de sua vida me ensinou a ser um homem trabalhador; à minha sogra Maria do Carmo e meus cunhados Raquel e Walter pelo cuidado nos momentos difíceis; e, principalmente, ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo que mudou a minha história e me fez mais que vencedor!!!

AGRADECIMENTOS

A minha amada esposa Rebeca pelo amor dedicado e por todos os momentos que estive ao meu lado incentivando a seguir em frente nos momentos difíceis que enfrentei no processo de conclusão deste curso. Te amo, meu amor!!!

Aos meus filhos, Samuel e Gabriel (meus chumbinhos), por me dedicarem amor e carinho mesmo quando tive que deixar de brincar com eles para estar agarrado nos livros.

À minha mãe, Dona Tânia, por toda luta, amor e cuidado para criar a mim e minhas irmãs. Foram anos dedicados à minha educação. Quando paro pra pensar, lembro das idas ao “prézinho”, da primeira série na E.E.P.G. Dr. Paulo Lauro (São Paulo – SP) quando usava avental pra estudar, do cuidado em deixar a “janta” pronta para que eu pudesse comer rápido e ir à escola após chegar do trabalho, etc. Mãe, sou eternamente grato à senhora!!! Te amo!!!

Ao meu pai, Cecílio, por fazer de mim o homem trabalhador que sou. Apesar dos tempos difíceis os quais vivemos, lembro-me dos dias em que eu ficava chorando por não querer que ele fosse trabalhar pra ficar brincando comigo. Nos meus ouvidos ficarão a célebre frase que ele repetia inúmeras vezes pra mim: “- Filho, estude!!!

Às minhas irmãs Sislene e Flávia pelo amor e carinho dedicados a mim e por sempre acreditar nos meus objetivos. Vocês são a melhor herança que meus pais me deixaram!!!

À minha sogra Maria do Carmo e aos meus cunhados Walter e Raquel pelo apoio e ajuda sempre que precisamos. A vocês têm sido, na maioria das vezes, a mão que Deus estende para suprir as nossas necessidades.

Aos meus sobrinhos Lucas, Sarah e Pedro por trazer alegria à família.

Aos pastores Jamílson Sousa, Oscar Neves, José Raniery, Alcimar Laurentino, Sidney Xaxá e Onildo Veloso que cuidaram e ainda cuidam da minha vida ao longo da melhor jornada de toda a minha vida: A caminhada com Cristo. Com vocês, aprendi o verdadeiro significado de ser pastor e, principalmente, cristão!!!

A Igreja do Nazareno, lugar onde pude conhecer pessoas fantásticas, vibrantes e com um ideal: ser semelhante a Cristo.

Ao meu grande brother Arthur F. Campos pela enorme ajuda ao fazer a normatização deste trabalho. Mano, você é “o cara”!!!

Ao meu orientador José Ramos Barbosa da Silva pelo cuidado e muita paciência ao longo da produção deste trabalho. Sem você, meu nobre professor, eu não teria alcançado a vitória nesta etapa final!!! Serei eternamente grato!!!

Aos professores da UFPB pelos “puxões de orelha”, apoio e motivação dados ao longo dos anos.

Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo que, outrora longe da sua presença, me deu vida abundante ao responder o seu chamado. Ele me perdoou, me transformou e me deu a maravilhosa oportunidade de ser feito filho de Deus. Tudo que sou, tudo que tenho, o meu coração e as minhas vontades pertencem a ele que é digno de toda honra, toda glória e todo louvor!!!

RESUMO

O referido trabalho reúne dois mundos, o universo da Educação de Jovens e Adultos com o das possibilidades didáticas de aprendizagens e ensino oferecidas pelo orbe dos selos postais, procurando, como objeto de estudo, responder a seguinte pergunta: Que importância o selo postal representa como recurso didático na construção do conhecimento dos educandos da EJA? Objetiva-se demonstrar que o selo postal é uma rica ferramenta na construção do conhecimento na Educação de Jovens e Adultos; revelar o potencial de conhecimento interdisciplinar que o selo postal oferece na aplicação das mais variadas matérias de estudos; manifestar que o selo postal pode trabalhar com as vivências do jovem e do adulto no seu dia a dia. Segue-se o método indutivo, na linha da pesquisa exploratória, ao revelar a educação de jovens e adultos enquanto ação de abandonos e retomadas oficiais, tangida por desafios e lutas, desde a chegada dos portugueses no Brasil, para uma gente trabalhadora que não teve acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Descreve-se a experiência de uma sala de aula que se utilizou de selos postais enquanto recurso de ensino pra jovens e adultos demonstrando que os selos postais contribuem para uma melhor absorção de conteúdos escolares, pois possuem um vasto conteúdo informativo, com uma diversidade de assuntos que se interligam, permitindo o uso da interdisciplinaridade na EJA. Por fim, conclui-se que o selo postal se manifesta uma poderosa e importante ferramenta didática, na correlação entre mundos de conhecimentos, fazendo-se um instrumento didático importante para a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos, recursos de ensino, selos postais, imagem.

ABSTRACT

This work brings together two worlds, the universe of Youth and Adult Education (EJA) with the didactic learning and the teaching skills offered by the world of postal stamps. As object of study, tries to answer the following question: What is the importance of the postal stamp as a didactic resource in the construction of knowledge of EJA students? It aims to demonstrate that the postal stamp is a rich tool in the construction of knowledge in Youth and Adult Education; reveal the potential for interdisciplinary knowledge that the postal stamp offers in the application of the most varied study subjects; show that the postal stamp can work with the experiences of young and adult people in their daily lives. It was used the inductive method, in line with exploratory research, according to the procedures of Gil (2008). The study reveals the education of young and adult people as an action of abandonment and reform by the government, inserted in challenges and struggles, since the arrival of the Portuguese in Brazil, for people who work and cannot register in elementary and high school in the appropriate age. Describe a classroom experience that uses postal stamps as a teaching resource for youth and adults. Demonstrates that postal stamps contribute to a better understanding of school content, as they have a vast informative content, with a diversity of interconnected subjects, allowing the use of interdisciplinarity in EJA. Finally, concludes that the postal stamp manifests itself as a powerful and important didactic tool, in the correlation between worlds of knowledge, becoming an important didactic tool for the Education of Youth and Adults.

Keywords: Youth and adult education, teaching resources, postal stamp, image.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – EJA E RECURSOS DE ENSINO.....	16
2.1	UMA BREVE HISTÓRIA DA EJA.....	17
2.2	A SALA DE AULA DA EJA.....	28
2.3	RECURSOS DIDÁTICOS: CONTEXTO E REALIDADE FACILITANDO O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	31
2.3.1	A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS NA EJA.....	34
2.4	O SELO POSTAL: UM VALIOSO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	35
2.4.1	A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DO SELO POSTAL....	37
3	EXPERIÊNCIA DO USO DOS SELOS POSTAIS NA EJA.....	40
3.1.	O TRABALHO COM SELOS POSTAIS EM SALA DE AULA.....	41
3.2.	ANÁLISE DO USO DOS SELOS POSTAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NA EJA.....	45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce no intuito de unir dois mundos, o universo da Educação de Jovens e Adultos com o das possibilidades didáticas de aprendizagens e ensino oferecidas pelo orbe dos selos postais. Iniciativa que brota de duas paixões, que agora revelo: a primeira, o amor pela educação, tornado mais profundo nos últimos anos, com a minha inserção nos estágios supervisionados no desafiador mundo da Educação de Jovens e Adultos que, nesse momento, se soma a outro velho fascínio, o da sedução que os selos postais exercem sobre mim, desde minha infância.

Chamou-me a atenção o trabalhador brasileiro que precisou ir trabalhar para garantir sobrevivência e que pouco fora visto pelas vias formais de educação, passando a valer menos para as iniciativas oficiais que cuidam da instrução da educação. Isso se evidencia perante dados que revelam que a Educação de Jovens e Adultos, somente de algumas décadas pra cá, tem se tornado algo relevante para as políticas públicas do país, apesar de termos mais de quinhentos anos da chegada dos brancos ao continente hoje conhecido por Américas. Dado que é alterado nos últimos anos, porque há governos que tratam esse tipo de educação como iniciativa de pouca importância, preferindo investir na educação de crianças, tomadas como “no tempo certo de aprender”. É para os jovens e adultos que por vários motivos não tiveram acesso ou não permaneceram usufruindo ao direito à educação escolar que este trabalho se destina.

Para este trabalho, não menos importante, sobressaio a minha relação afetiva com a arte de colecionar selos postais, atividade que vem desde a infância, com os inúmeros álbuns de figurinha que eu implorava para que minha mãe viesse comprar, mas que quase nunca se completavam, hábito alimentado até a adolescência, fase em pude conhecer a coleção de selos postais de um primo muito próximo, despertando-me “paixão à primeira vista”, deixando-me numa relação profunda e amorosa com a Filatelia.

A EJA, concebida como uma modalidade de ensino (Parecer 11/2000), é ação que perpassa aos domínios da leitura e da escrita, nela há o desafio de se tornar o educando alguém crítico e atuante perante os fenômenos sociais. Principalmente quando se tem claro que

[...] há necessidade de se reconhecer que todos os aspectos da política fora das escolas representam também um determinado tipo de pedagogia, em que o conhecimento está sempre vinculado ao poder, e as práticas sociais são sempre encarnações de relações concretas entre seres humanos e tradições diversos, e que toda interação contém implicitamente visões a respeito do papel do cidadão e do

objetivo da comunidade (GIROUX. In FREIRE & MACEDO, 2011, p. 42/43).

Quase sempre a EJA, pelo modelo da sociedade brasileira existente no momento de agora, se dirige aos jovens e adultos tornados excluídos de usufruírem de vários direitos humanos civis e políticos, determinados pela Declaração Universal de 1948, e também a dos novos direitos, da criança, da mulher, dos povos e das minorias. A Educação de Jovens e Adultos, por esta razão, torna-se um desafio tanto em matéria de conteúdos quanto em metodologias, que provocam aos que se dedicam à Educação e deveria ser também pauta para os poderes públicos.

Como atividade planejada de ensino, a EJA utiliza-se de recursos de ensino. Portanto, como parte desse trabalho, objetivamos demonstrar que o selo postal não é apenas um pedaço de papel, que serve como taxa para pagar o envio de uma correspondência, mas, pelas informações contidas no selo, ele pode ser usado para outros fins, como porta de ensino ao aprendizado dos estudantes da EJA.

Diante deste prólogo, trazemos como objeto do nosso estudo, a seguinte pergunta: Que importância o selo postal representa como recurso didático na construção do conhecimento dos educandos da EJA?

Com isso, objetivamos, especificamente:

- Investigar se o selo postal em sala de aula pode ser ferramenta na construção do conhecimento na Educação de Jovens e Adultos;
- Verificar se o selo postal está sendo utilizado como recurso interdisciplinar didático no trabalho das variadas matérias escolares da EJA;
- Analisar de que maneira o selo postal vem sendo trabalhado com as manifestações diárias do jovem e do adulto.

Para tal investigação, seguimos o método indutivo, pois, segundo explica Gil (2008), ele parte

[...] da observação dos fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles e, por fim, procede-se à generalização, com base, na relação verificada entre os fatos ou fenômenos (GIL, 2008, p. 10/11).

Além dessa premissa, o trabalho seguirá a linha da pesquisa exploratória, que

[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais

precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008, p. 27).

Além de observar o uso dos recursos didáticos para o melhor aproveitamento no aprendizado da EJA, este estudo cuidará de demonstrar a história e os conceitos praticados para a EJA de hoje, e visitará a narrativa e usos dos selos postais em situações variadas deste suporte didático. Neste sentido, ele está organizado da seguinte maneira:

No capítulo I, serão apresentadas as fundamentações teóricas com uma breve história da Educação de Jovens e Adultos e seus desafios em sala de aula; a busca pelo conhecimento através de suas vivências sociais estabelecendo, assim, uma “intimidade” entre os saberes curriculares e as experiências do educando; o Recurso Didático como ferramenta importante que auxilia no estímulo e enriquecimento no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; e, por fim, apresentará o Selo Postal como um valioso recurso didático a ser instrumentalizado em sala de aula por ser imagético e detentor de uma nova maneira de enxergar o mundo na construção do conhecimento.

No segundo capítulo, serão apresentadas as experiências vividas em uma escola pública de João Pessoa onde foi feito o uso dos selos postais para uma melhor absorção dos conteúdos escolares de Português e Matemática propostos pela professora que estava à frente da sala de aula e, por fim, será feita a análise dos resultados na sala de aula relatando o selo como recurso didático capaz de construir conhecimento, cruzar disciplinas e trazer a realidade das vivências dos educandos da EJA mostrando assim a sua importância como recurso didático na sala de aula.

No terceiro capítulo será apresentada uma conclusão através da ótica do pesquisador diante da história da EJA até a importância do uso dos selos postais como recurso didático a ser oferecida na mesma.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

– EJA E RECURSOS DE

ENSINO

2.1. UMA BREVE HISTÓRIA DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos - EJA é uma modalidade de ensino que, conforme a Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), abrange todas as etapas da Educação Básica e é destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação ou não terminaram os estudos na idade própria. Segundo Pacievitch, (a EJA) é uma modalidade de ensino, que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país sendo oferecida a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada (PACIEVITCH, 2006?).

A EJA é ofertada nas formas de ensino presencial e à distância (EAD) e possui duas etapas: a EJA Ensino Fundamental e EJA Ensino Médio.

Em relação ao tempo de duração e a idade dos alunos da EJA, a Resolução nº 30/2016 do Conselho Estadual de Educação, resolve:

Art. 8º Os cursos de EJA, dos Ensinos Fundamental e Médio, com avaliação no processo, serão ministrados em regime presencial e estruturados em ciclos para atender ao tempo de duração e à carga horária definida nas matrizes curriculares de cada segmento, e com exigência da frequência, conforme se estabelece:

I – Ciclo da alfabetização (Ler, entender e fazer) – será ofertado por meio de programas e parcerias, com carga horária mínima de 320 (trezentas e vinte) horas e duração mínima de 8 (oito) meses.

II - Primeiro segmento do Ensino Fundamental - será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo I e do ciclo II, totalizando uma carga horária mínima de 1.230 (mil duzentas e trinta) horas, nos dois ciclos;

III - Segundo segmento do Ensino Fundamental - será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo III e do ciclo IV, totalizando uma carga horária mínima de 1.660 (mil seiscentos e sessenta) horas nos dois ciclos;

IV - Ensino Médio -será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo V e do ciclo VI, totalizando uma carga horária mínima de 1.660 (mil seiscentos e sessenta) horas nos dois ciclos, considerando:

a) no ciclo V, serão trabalhados conteúdos correspondentes aos conhecimentos do primeiro e do segundo ano;

b) no ciclo VI, serão trabalhados conteúdos correspondentes aos conhecimentos do terceiro ano e aprofundamento dos conteúdos trabalhados no ciclo V.

§ 1º O curso previsto no inciso I e II destinam-se aos (às) candidatos (as) que tenham 15 (quinze) anos ou mais, completos até a data da matrícula.

§ 2º O curso previsto no inciso III destina-se aos (às) candidatos (as) que tenham 16 (dezesesseis) anos completos, até a data da matrícula.

§ 3º O curso referido no inciso V destina-se aos (às) candidatos (as) que tenham no mínimo 18 (dezoito) anos completos, até a data da matrícula.

§ 4º A transferência de aluno de curso regular para curso de EJA se fará somente ao final do ano letivo, conforme o regime adotado pela instituição de ensino de origem, salvo necessidade devidamente comprovada à instituição, e observados os critérios estabelecidos neste artigo. (PARAÍBA, 2016)

O que se vê hoje no Brasil, é uma busca intensa por suprir uma educação que, segundo o Parecer 11/2000, devido as prioridades e formas de como a escola brasileira fora arquitetada, deixou-se sequelas ao povo que foi deixado de lado pela educação escolar. Estas sequelas, por sua vez, se dão em ordem histórico-social, pois, as elites dirigentes do Brasil tratavam de modo subalterno os negros escravizados, caboclos migrantes, trabalhadores braçais e índios impedindo-os à plena cidadania e que, ainda hoje, pagam o preço dessa discriminação segundo as estatísticas oficiais. Grande parte das pessoas analfabetas ou com pouca escolarização é composta de homens e mulheres com mais idade, brasileiros afrodescendentes que são oriundos de regiões pobres e interioranas as quais sofreram ao longo dos anos com o preconceito criado de que elas são pouco inteligentes, ignorantes, incultas, desqualificadas, que não servem para os segmentos do mercado. Portanto, existe uma dívida social brasileira para com essas pessoas que tiveram que deixar de lado os estudos, que hoje é um instrumento fundamental para uma presença significativa na convivência social contemporânea, para trabalhar, seja subordinadas a particulares ou no serviço da construção de obras públicas. Por estas razões, a EJA fora transformada em uma modalidade de educação, registrada na LDB/96, apresentando atividades planejadas de ensino, com um tratamento adequado e com uma metodologia própria.

Diante destes fatos, requer-se adentrar numa breve história de como fora trabalhada a EJA em nosso país.

A educação de Jovens e Adultos no Brasil teve seu início no período colonial com as ações missionárias dos Jesuítas que tinham como objetivo alcançar os nativos para a formação de fiéis e serviçais que trabalhariam nas lavouras e nas atividades extrativistas, porém, de forma assistemática, não tendo uma participação governamental significativa. Entretanto, apesar da presença marcante dos jesuítas em todos os aspectos da vida portuguesa, uma crise nas relações entre a Companhia de

Jesus e a Corte Portuguesa e a falta de apoio de importantes setores da população levaram à expulsão dos mesmos, em 1759 (CARDOSO, 2004).

A partir deste ano, através do Marquês de Pombal, começa o período pombalino onde se estatizou as escolas ao constituir um sistema determinado e controlado de acordo com os interesses do Estado (CARDOSO, 2004). Sendo assim, é criado um novo sistema de ensino voltado para a tarefa de modernizar o país o qual fora chamado de *Aulas Régias*, onde o Estado ficaria com a responsabilidade de prover educação leiga, embora a religião católica continuasse a existir (CARDOSO, 2004). Apesar desta proposta de educação ensinar o progresso científico e a difusão do saber, “a identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo o *elitismo* que restringia a educação às classes mais abastadas” (STRELHOW, 2010, p. 51). Mantinha-se, portanto, as regalias da nobreza através de uma educação especial para os filhos dos colonizadores e, para que os projetos políticos dessem certo, foi necessário promover uma ótima cultura de base a fim de capacitar os filhos dos colonizadores para que ocupassem posições de maior destaque dentro do sistema burocrático caracterizando, assim, o conhecimento formal monopolizado pelas classes dominantes.

Após a proclamação da Independência do Brasil, foi outorgada a primeira constituição brasileira e, com ela, o desejo de dar significado à educação querendo investir em instrução primária para a população, porém, estas investidas não saíram do papel, ou seja, a escola era para todos, porém, inacessível a quase todos. Sendo assim, passou-se essa responsabilidade para as províncias que a via mais como “princípio missionário e caridoso [...] das “pessoas letradas às pessoas perigosas e degeneradas” (STRELHOW, 2010, p. 51), ou seja, a educação passa a ser um ato de solidariedade ao invés de ser um direito do povo.

Anos antes da proclamação da República houve uma grande onda de preconceito e exclusão da pessoa analfabeta por considera-los dependentes e incompetentes a ponto de compará-los como crianças, incapazes de pensar por si só. Percebe-se, portanto, que havia uma desvalorização da criança por considerá-la incapaz e do adulto por reduzi-lo a esta situação de incapacidade.

Tendo isto como pano de fundo e com a Proclamação da República, Strelhow declara que

[...] a constituição republicana foi construindo-se e em 1891, o que era ruim ficou ainda pior, o voto foi restrito à pessoas letradas e com

posses, uma pequena minoria. Agora estava garantida na lei a discriminação e exclusão da pessoa analfabeta. Ao invés de evoluir para uma democracia, reduzia-se à uma República dominada por poucos. O voto que anteriormente era restrito às pessoas que possuíssem uma determinada renda, agora além da renda teriam de ser alfabetizadas. O movimento contrário à evolução é gritante, uma situação lastimável da república brasileira. (STRELHOW, 2010, p. 51)

Neste novo tempo, pôde-se ver um certo progresso no país através da urbanização e com grupos que, aliados aos militares republicanos, eram provenientes dos setores que, de certa maneira, privilegiavam as carreiras de trabalho não braçal, ou seja, profissionais que tinham certa escolarização (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003), portanto, discutiu-se a necessidade de abertura de escolas.

Após duas décadas de Proclamação da República, via-se que as promessas de fazer um Brasil diferente não se cumpriram. A escola destinada às massas não tinha o objetivo de dar intelectualidade, mas apenas o preparo para os trabalhadores da fábrica e do campo, dentro do prisma de um capitalismo em desenvolvimento. O propósito era criar uma escola forte e com várias modalidades de ensino que abrangessem a fábrica, o comércio e outras realidades capitalistas.

Segundo Paulo Ghiraldelli Jr.,

[...] no campo da educação, tínhamos um dado em favor dessa reclamação; em 1920, 75% ou mais de nossa população era analfabeta. Para os olhos de alguns grupos, era como se a República não tivesse tornado a ‘coisa pública’ algo realmente público; no caso, o ensino público não aparecia como uma prioridade. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003, p. 16)

Portanto, em relação à alfabetização neste início republicano, Vanilda Paiva afirma, que, a partir da Primeira Guerra Mundial, o problema educacional começa a valorizar-se nos discursos de políticos e intelectuais, que anunciavam o analfabetismo como vergonha nacional e davam à alfabetização o poder de elevar o nível moral e intelectual do país, de regeneração da massa dos pobres brancos e negros libertos e de iluminação do povo e disciplinamento das camadas populares, consideradas incultas e incivilizadas. Diante desta situação, inicia-se uma campanha para a erradicação do analfabetismo, surgindo nesse cenário os primeiros “profissionais da educação” (PAIVA, 1987, p. 89). A partir disso, surge preocupação com uma escola renovada e com um ensino de qualidade. Entretanto, mesmo diante desse quadro que mostra um desenvolvimento na trajetória da educação brasileira, pode-se dizer

que, devido às poucas oportunidades de acesso à escolarização na infância ou na vida adulta, até 1950, mais da metade da população brasileira era analfabeta, mantendo-a excluída da vida política, pois o voto lhe era vedado.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1920, o Brasil começou a consumir os mais variados produtos norte-americanos, inclusive, de modo mais intenso, a sua literatura pedagógica que foi, em parte, do conteúdo do movimento do “otimismo pedagógico” que queria mudar as escolas e a educação como um todo. Dentre os vários autores norte-americanos lidos pelos intelectuais ligados à educação, se encontra o filósofo norte-americano John Dewey, criador da, dentre outros nomes, “pedagogia da escola nova” gerando no Brasil o termo “escolanovismo”. Esta nova pedagogia tinha como objetivo o desenvolvimento do homem como um todo, valorizando as suas especificidades nos aspectos racionais, emocionais, sensoriais e físicos tendo o professor como auxiliar no processo de desenvolvimento livre e espontâneo do aluno.

Após o Brasil chegar à marca de 72% da população no analfabetismo, é que a educação vem a ser efetivada se destacando no país, na Era Vargas, com o Plano Nacional de Educação que estabelece o ensino primário integral obrigatório e gratuito aos adultos. Em 1945, depois de muitas críticas, a educação de adultos começa a se destacar e mostrar o seu valor na sociedade, principalmente, em 1947, quando o presidente Eurico Gaspar Dutra cria a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) que, capitaneada pela UNESCO, correspondia aos anseios do desenvolvimento econômico e agradou à elite brasileira. Paiva expressou o espírito da CEAA da seguinte maneira:

[...] a educação dos adultos convertia-se num requisito indispensável para uma melhor organização e reorganização social com sentido democrático e num recurso social da maior importância, para desenvolver entre as populações marginalizadas o sentido de ajustamento social. A campanha significava o combate ao marginalismo, conforme o pronunciamento de Lourenço Filho: devemos educar os adultos, antes de tudo, para que esse marginalismo desapareça, e o país possa ser mais coeso e mais solidário; devemos educá-los para que cada homem ou mulher melhor possa ajustar-se à vida social e às preocupações de bem-estar e progresso social. E devemos educá-los porque essa é a obra de defesa nacional, porque concorrerá para que todos melhor saibam defender a saúde, trabalhar mais eficientemente, viver melhor em seu próprio lar e na sociedade em geral. (PAIVA, 1987, p. 179).

Nesse mesmo ano é realizado o I Congresso Nacional de Educação de Adultos que trouxe em seu bojo o slogan "ser brasileiro é ser alfabetizado" no qual se abre a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. A partir desta data, várias ações foram feitas no país para a promoção da Educação de Jovens e Adultos numa grande mobilização social. Tais movimentos reconheciam e valorizavam o saber e a cultura popular vindo, na pessoa não alfabetizada, alguém que produzia conhecimento.

Em 1958 aconteceu o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, onde se discutiu novos métodos pedagógicos para educar adultos e o rompimento dos preconceitos em relação às pessoas analfabetas, tendo como destaque o educador Paulo Freire, maior expressão do cenário progressista da educação naquele momento.

No início dos anos 60, houveram grandes mudanças na educação. Em primeiro lugar, estabeleceu-se a Lei nº 4024/61 onde os maiores de 16 anos poderiam receber certificado de conclusão do curso ginásial através de exames, e os maiores de 19 anos recebiam o certificado de conclusão do curso colegial. Difundiu-se também as ideias de educação popular e de democratização da escolarização básica que uniram estudantes e intelectuais no desenvolvimento de novas perspectivas culturais e educacionais junto a grupos populares através de instituições e algumas ligações com o Estado.

Da mesma maneira que se destacou em 1958 no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, nos anos 60, Paulo Freire se destaca por dar à EJA "a referência principal para a constituição de um novo paradigma teórico e pedagógico" (BRASIL, 2002, p. 15), destacando "a importância da participação do povo na vida pública nacional e o papel da educação na sua conscientização" (BRASIL, 2002, p. 15). As práticas de educação popular se deram a partir de uma pedagogia que trabalhava com a realidade dos alunos, tendo como consequência a renovação dos métodos e procedimentos educativos. Diante deste fato, a educação popular, através da alfabetização, configurou-se como um veículo de luta política e de apropriação e valorização da própria cultura do povo e é nesse contexto que os surgem movimentos e iniciativas dirigidas para alfabetização de adultos com vistas à transformação da realidade social.

Devido à grande repercussão da atuação de Paulo Freire nesses movimentos, o mesmo fora convidado pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação

Paulo de Tarso Santos, em 1964, para elaborar e desenvolver o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos junto ao Ministério da Educação com o objetivo de espalhar por todo o território nacional programas de alfabetização orientados por ele. Entretanto, com o Golpe Militar, esse plano foi interrompido e várias personalidades que promoviam a educação popular e a alfabetização foram reprimidas por serem consideradas uma ameaça para o Brasil.

Com o militarismo vigente e uma educação assistencialista e conservadora, voltada para o controle das pessoas, somente em 1967, por considerar o analfabeto uma pessoa vazia, o governo militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) com o objetivo de alfabetizar adultos funcionalmente e promover uma educação continuada, restabelecendo a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas eram responsáveis por sua situação de analfabetismo e pela situação de subdesenvolvimento do Brasil (STRELHOW, 2010). Para que isso se concretizasse, o governo lança um recrutamento de alfabetizadores sem exigir muito dos mesmos com a ideia de que, para se educar alguém, basta apenas ser alfabetizado. Entretanto, Eugênio revela que esse Movimento

[...] não demonstrava nenhuma preocupação formal com a formação integral do homem. O MOBRAL assume a educação como investimento, qualificação de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico. A realidade existencial não é questionada. (EUGÊNIO, 2004, p. 43 apud RODRIGUES, 2011)

Até a década de 80, o MOBRAL não parou de crescer expandindo-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Das iniciativas que derivaram desse programa, o mais importante foi o PEI – Programa de Educação Integrada, sendo uma forma resumida do antigo curso primário e que tornava possível a continuidade dos estudos aos recém-formados do MOBRAL.

Além disso, com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 5692/71, implantou-se o Ensino Supletivo o qual deu, a educação de adultos, pela primeira vez, a atenção governamental como uma tarefa contínua do sistema de ensino. Para isso, foram criados os Centros de Ensino Supletivo (CES) a fim de atender a todos os alunos, inclusive os oriundos do MOBRAL, que quisessem completar os estudos fora da idade regulamentada para as séries iniciais do primeiro grau.

Com a extinção do MOBRAL em 1985, surge a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar) a qual supervisionava e acompanhava, junto às constituições e secretarias, o apoio técnico e financeiro às

iniciativas de alfabetização existentes. Entretanto, em 1990, a Fundação Educar fora extinta sem ser criado outro projeto em seu lugar, fazendo com que órgãos públicos, entidades civis e outras instituições arcassem com a responsabilidade educativa da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2002).

Vários foram os acontecimentos que marcaram a elaboração de leis na história da EJA no país, mas nos deteremos apenas àqueles mais relevantes a partir da Constituição da República de 1988.

A Constituição de 1988 preconizou que

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2006?).

A Constituição vigente trouxe importantes avanços para a EJA. As Disposições Transitórias dessa Constituição estabeleceram que, em dez anos, dever-se-ia erradicar o analfabetismo e universalizar o Ensino Fundamental no País.

Em 1996, com a Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), colocada em vigor, foram definidos parâmetros mais claros no tocante a critérios específicos para a EJA. Em seu conteúdo, a LDB dedica dois Artigos, no Capítulo II, Seção V, que reafirmam a gratuidade e obrigatoriedade da oferta de educação para todos os que não tiveram acesso à educação na idade própria. A Lei diz:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Entretanto, no mesmo ano, com o veto das matrículas no ensino fundamental de jovens e adultos do cálculo geral, pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) feito pelo, então presidente Fernando Henrique Cardoso, houve uma redução nos recursos para a EJA

desestimulando os Estados e Municípios a oferecê-la à população resultando em perdas difíceis de serem sanadas (BARROS, 2018).

Mais tarde, com a ampliação da EJA para alcançar a todos e na esperança de melhorias na educação, surgem, em 1999, através das secretarias dos Estados e Municípios, os Parâmetros em Ação de Educação de Jovens e Adultos para o Ensino Fundamental – PCN em Ação/EJA trazendo contribuições significativas para o ensino da EJA (BARROS, 2018).

Com base na LDB, a Educação de Jovens e Adultos foi instituída como modalidade de ensino através da Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000 e do parecer de 11/2000, que versa sobre as Diretrizes Curriculares específicas para a EJA.

O documento, deliberado pela Câmara de Educação Básica, reúne um conjunto de pareceres para o Ensino Fundamental e Médio da EJA e traz direcionamentos conforme suas funcionalidades e especificidades. Esse parecer representa um avanço em relação à Educação de Jovens e Adultos ocorrida anteriormente em nosso País, pois propõe o atendimento às necessidades específicas desse público respeitando seu perfil, faixa etária, a contextualização dos componentes curriculares, apontando a necessidade de formulação de um modelo pedagógico próprio.

A partir do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nasce, segundo portais do Governo, a esperança de valorização da EJA através do desenvolvimento de programas como:

- Programa Brasil Alfabetizado e Educação de Jovens e Adultos (PBA): que contribuiu para o acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade através do apoio técnico e financeiro implementando ações do programa que tem como meta superar o analfabetismo contribuindo para a universalização do ensino fundamental no Brasil por reconhecer a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como o início para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida;
- Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (ProJovem): que objetiva ajudar na formação educacional, elevar a escolaridade e promover a formação e a qualificação profissional dos jovens no país promovendo qualidade de vida e a inserção social destas pessoas. Seu foco está em pessoas que ainda não possuem o ensino fundamental completo, mas que sabem ler e escrever;

- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera): Criado em 1998 através da luta dos movimentos sociais e sindicais de trabalhadores rurais pelo direito à educação com qualidade social, tem como objetivo executar políticas de educação em todos os níveis nas Áreas de Reforma Agrária contribuindo para a melhoria das condições de vida e cidadania das pessoas que vivem no campo;
- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (Proeja): Este programa tem como objetivo dar oportunidade a jovens e adultos de concluírem a educação básica aliada à formação profissional para os que não tiveram acesso ao ensino médio.
- Plano Nacional de Qualificação (PNQ): Sendo um instrumento do Sistema Nacional de Emprego – SINE, integra políticas públicas de qualificação social e profissional das políticas públicas e privadas no território e/ou setor produtivo no Brasil, em sintonia com o Plano Plurianual (PPA);
- Projeto Educando para a Liberdade e o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja): É uma prova, criada em 2002, do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) para obtenção dos certificados do Ensino fundamental e Médio a qual surgiu como uma ferramenta de avaliação de participantes que não estavam frequentando regularmente as escolas e pretendiam obter o certificado (VILELA, 2019).

O governo criou também a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) ligada ao Ministério da Educação (MEC) que buscava viabilizar o pleno acesso à escolarização e à participação de todos os estudantes, com redução das desigualdades educacionais, com equidade e respeito às diferenças; e implantou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - Fundeb, que passou a abarcar a EJA.

Apesar destes programas, fora atingido um terço de toda a população que não chegou à 4ª série além de não conseguir conter a evasão dos alunos tornando-se um dos grandes desafios da EJA.

Ao sediar a VI CONFINTEA em 2009, na cidade de Belém, estado do Pará, a EJA pode ser repensada ao propor-se um avanço urgente às prioridades de aprendizagem e educação de adultos. Segundo Rodrigues (2011), três pontos foram destacados como basilares para o atendimento aos alunos da mesma, são eles: O

reforço de políticas públicas de educação de jovens e adultos; A necessidade de se aumentar o financiamento da área; Estreitar as parcerias entre governos e sociedade civil para melhorar a qualidade da educação (RODRIGUES, 2011).

Apesar dos vários programas de alfabetização, os mesmos não atendiam as necessidades reais dos estudantes começando uma queda muito grande nas matrículas, pois, segundo Carvalho,

[...] o analfabetismo absoluto não dá sinais de ser enfrentado e eliminado em um curto prazo, afinal as políticas (ou programas) de alfabetização, como o Programa Brasil Alfabetizado, não têm sido suficientes para baixar rapidamente os índices de jovens e adultos analfabetos. A continuidade nos estudos de egressos dos programas de alfabetização está sendo garantida apenas para uma pequena parcela dessas pessoas. (CARVALHO, 2012 p. 14 apud BARROS, 2018, p. 9).

No governo da presidente Dilma Roussef, unindo à SECAD o Projovem Urbano e a Educação Especial e, por acrescentar a palavra Inclusão, a sigla ficou denominada de SECADI. Entretanto, a marca da sua gestão se deu em 2011 com o PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) diante do crescimento da economia no ano anterior.

Conforme o parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica aprovada em 10/05/2000, a EJA possui três funções principais, norteadoras no processo de ensino e aprendizagem: **função reparadora**, relacionada à restauração, não apenas de um direito negado, mas o direito a uma escola de qualidade e do reconhecimento da igualdade ontológica; **função equalizadora**, que dá cobertura aos vários seguimentos da sociedade que, por repetência, evasão escolar, pela desigual oportunidade de permanência ou outras condições adversas, precisam ser reinseridos no sistema educacional; **função qualificadora**: cujo propósito é o desenvolvimento de pessoas dentro do contexto da sociedade contemporânea, possibilitando um nível técnico e profissional qualificado para adolescentes, jovens adultos e idosos (BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000).

O que se viu ao longo dos programas educacionais voltados para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, foram altos e baixos na tentativa de se melhorar a mesma, desde o aprendizado ineficiente por se considerar superficial até a reprodução do ensino infantil no processo de ensino do adulto (BARROS, 2018). Nos últimos vinte anos, viu-se várias ações de alfabetização, elevação de escolaridade, qualificação técnica de trabalhadores e estratégias de colaboração técnica e

financeira com os Estados e Municípios, porém, após o impeachment da Presidente Dilma Roussef, os recursos financeiros e humanos foram drasticamente reduzidos e, com o novo governo a SECADI, onde estava a Diretoria de Políticas da EJA, fora extinta (Di Pierro, 2019).

Diante disso, a grande dúvida que fica é se estes programas de educação continuarão a serem oferecidos à população e se as funções da EJA serão de fato colocadas em prática nas próximas gestões governamentais já que estão acontecendo mudanças drásticas no atual governo. Presume-se que, as mesmas lutas em prol da educação continuem, para que a EJA possa obter resultados motivadores e, com isso, ver o número de analfabetos diminuir ao longo dos anos no Brasil.

2.2 A SALA DE AULA DA EJA

Diante do objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil, a sala de aula da EJA torna-se o lugar onde o professor tem o desafio de desconstruir vários conceitos errôneos erguidos ao longo do tempo como, por exemplo, o de que a educação é feita por caridade e não como um direito que cabe ao cidadão brasileiro. Outra desconstrução a ser feita está relacionada, segundo Moura e Aguiar (2019), a tirar da mente do analfabeto um preconceito construído ao longo dos anos e que é reproduzido pelo aluno de que o tempo em que o aluno ficou fora da escola foi um tempo perdido. Moura acrescenta, que não existe uma idade própria para se educar já que o dia a dia do aluno da EJA está repleto de conhecimentos. Dando ênfase a isso, Aguiar diz que deve ser oferecida uma forma diferenciada de educação na qual o aluno recebe o direito a ter os seus conhecimentos adquiridos em ambientes informais aferidos e ser certificado pela escola, ou seja, “colocar no papel todo o seu meio de vida, toda sua aprendizagem fazendo uma comparação entre o currículo da escola e os seus conhecimentos adquiridos nos ambientes de vida e trabalho” (AGUIAR, 2019). Freire reconhece esses conhecimentos quando afirma que

[...] já é quase um lugar-comum afirmar-se que a posição normal do homem no mundo, visto que não está apenas nele mas com ele, não se esgota em mera passividade. Não se reduzindo tão somente a uma de suas dimensões de que participa – a natural e a cultural – da primeira pelo aspecto biológico, da segunda, pelo seu poder criador, o homem pode ser eminentemente interferidor [...] Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo aos seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio

que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. (FREIRE, 1983, p. 41)

O que se vê neste texto de Freire é que o homem interfere na história e na cultura quando este coloca a sua experiência adquirida no dia a dia em prática respondendo aos desafios que lhes são colocados.

A partir da premissa de que o educando obteve conhecimentos ao longo de sua vida, o ponto de partida da prática educativa na EJA tem que ser, não a compreensão do mundo que tem o educador e seu sistema de conhecimento, mas, a compreensão do mundo que tem ou que esteja tendo o educando. Sendo assim, a proposta pedagógica da EJA deve trazer um pouco do dia a dia do estudante para a sala de aula ao colocar o professor à trabalhar com eixos temáticos sobre trabalho, ecologia, cidadania, etc., fazendo com que o estudante se envolva mais com o aprendizado e com a escola dando continuidade ao trabalho do corpo docente fazendo com que o estudante conclua a sua formação. Diante disso, requer-se que o professor procure dialogar com o seu aluno para que este possa revelar sua história de vida e os conhecimentos aprendidos na mesma para que possa usar sua criatividade na obtenção de recursos que tragam interesse e participação do aluno em sala de aula.

Na Educação de Jovens e Adultos, a grande questão é: de que maneira pode-se levar os alunos ao suprimento de suas expectativas e necessidades que é o conhecimento das letras de tal forma que possam ler e escrever, dos números capacitando-os à fazer operações numéricas e dos outros conhecimentos dados em sala de aula? Qual é o caminho ou a estratégia mais eficaz na busca do aprendizado?

Sendo, a escola, vista ao longo dos tempos como um lugar único que garante a todos um conjunto de conhecimentos construídos ao longo do tempo pela sociedade, esses conhecimentos tornam-se um “objeto” a ser transmitido sem levar em consideração o processo pelo qual se chegou aos mesmos. Vê-se que o aluno, como um receptáculo, (DAYRELL, 2001) recebe o conhecimento e, através do seu esforço de mantê-lo vivo em sua mente, se realizará como pessoa através da ênfase nos resultados onde cuja a finalidade é o passar de ano. Isto se dá de acordo com a tendência pedagógica tradicional, há muito tempo usada, que, sem levar em conta as suas realidades sociais, prepara os alunos moral e intelectualmente para assumirem papéis sociais de acordo com as suas aptidões individuais e seus esforços (LIBÂNEO,

1985), ou seja, não há o relacionamento do que é vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, não se vê o aluno como indivíduo envolto em sua própria historicidade e com várias visões de mundo, sentimentos, etc; não se dedica à experiência vivida pelo aluno, mas, aos valores e conhecimentos acumulados pelas gerações antigas que se repassa como verdades (LIBÂNEO, 1985). O que se vê, na verdade, nesta tendência, é que o aluno está à mercê do professor que o vê como um ser passivo onde a aplicação de exercícios e a memorização de conceitos através da repetição irá gerar no mesmo a disciplina da mente e a formação de hábitos gerando um aprendizado receptivo e mecânico.

Na verdade, espera-se que a sala de aula seja um espaço de vivência e aprendizagem, onde a experiência da vida cotidiana gere novos conhecimentos e novas aprendizagens, pois, existe “[...] uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social que o povo participa” (FREIRE e BETTO, 1988, p.14), ou seja, os alunos levam pra dentro da sala de aula uma série de experiências e saberes que, se forem bem aproveitados, poderão ajudá-lo no seu aprendizado. Ao mesmo tempo em que os alunos da EJA têm uma rica bagagem de conhecimentos e formas de atuar no mundo em que vivem, eles acreditam que a escola é um espaço de recolocação social, sociabilidade, etc, como também, um lugar que atenda às suas necessidades como aprendizes em potencial e que é estruturado para alavancar a aprendizagem dos alunos e o lugar onde aluno e professor constroem uma história de transformações.

Outro fator a se definir são os critérios de escolha sobre o que ensinar e que lugar devem ocupar os conteúdos, pois, o aprendizado, como fora dito anteriormente, se relaciona com a satisfação de suas necessidades e expectativas, além disso, ele fortalece e dá um novo significado ao conhecimento que o jovem e o adulto já possuem com os assuntos dados em sala de aula. Sendo assim, isso faz pensar no lugar que as realidades sociais e a história dos alunos ocupam na escolha dos conteúdos, pois, além de ser importante trabalhar com temas significativos para o grupo, pode impulsioná-los para novas descobertas.

Portanto, para evitarmos uma educação onde os alunos se tornem meros “recipientes” de conteúdo e domesticados, é necessário que se faça um trabalho onde o grupo se empenhe na busca pelo conhecimento, ou seja, como declara Libâneo (1985)

[...] uma atividade onde professores e alunos, mediados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social[...]. (LIBÂNEO, 1985, p. 33)

... através de conteúdos “denominados, ‘temas geradores’ que são extraídos da problematização da prática de vida dos educandos” (LIBÂNEO, 1985). Acerca disso, Freire disse:

[...] Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. (FREIRE, 1993, p. 27)

Como fora dito anteriormente, dentro da sala de aula, o professor não só ensina como aprende com o seu aluno levando todo o grupo a se engajar na busca de conhecimento e crescimento. Se o professor, na sala, promove e intermedia os diálogos, o mesmo deve trabalhar para que os alunos tornem-se parceiros comprometidos com os objetivos propostos à classe usando como base as várias origens dos alunos da EJA as quais facilitam a aproximação das pessoas e fazem nascer temas de estudo que vão unir os alunos.

Observa-se, portanto, que o aprendizado se adquire através da socialização entre todos os pertencentes à sala de aula, através do respeito aos saberes dos educandos, “estabelecendo uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que os mesmos têm como indivíduos” (FREIRE, 2014, p. 32). Sendo assim, “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2014, p. 26).

2.3 RECURSOS DIDÁTICOS: CONTEXTO E REALIDADE FACILITANDO O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA

Há muito tempo, muitos docentes têm como base práticas pedagógicas que aprenderam, seja na escola ou com colegas mais velhos ao longo de sua vida docente e que, muitas vezes não se adequam à realidade da sala de aula. Libâneo, por sua vez, diz que “a prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente” (LIBÂNEO, 1985, p. 19). Portanto, as

tendências pedagógicas, influenciadas pelo momento cultural e político da sociedade, surgem, segundo Libâneo (1985),

[...] visando à elevação cultural e científica das camadas populares, contribuindo, ao mesmo tempo, para responder às suas necessidades e aspirações mais imediatas (melhoria de vida) e à sua inserção num projeto coletivo de mudança de sociedade [...]. (LIBÂNEO, 1985, p. 12)

Durante décadas, segundo Belmiro e Santos (2013), a tendência pedagógica mais utilizada no Brasil fora o método tradicional de ensino através de aulas expositivas, tendo como base a ideia de que o mesmo se torne vantajoso por ter baixo custo, pouco tempo de preparo das aulas e avaliação através de atividades escritas, porém, sua aplicação não tem uma relevância significativa para a aprendizagem por não ter uma boa devolutiva e participação dos alunos na construção do conhecimento sendo facilmente esquecido .

Anteriormente, viu-se que o aprendizado se torna mais eficiente quando os saberes dos educandos são trazidos “à tona” pelos professores e, com isso, se estabelece uma relação entre estes e os saberes curriculares. Diante disso, para que haja um ensino pujante, o uso de recursos didáticos tornam-se extremamente valiosos nesse processo por levar o corpo discente a produzir e ampliar o seu próprio conhecimento deixando a passividade para o envolvimento com o conteúdo e colegas de sala, ou seja, “quanto mais entrar na sala de aula as experiências da criança, será melhor para a aprendizagem” (FLEMING, 1970, p. 122 apud PILETTI, 2004, p. 151). Isso se acentua ainda mais quando se trata de jovens e adultos devido às suas vastas experiências adquiridas no trabalho, na família, etc. Segundo o canal CEAD SENAI CETIQT,

Aproveitar os recursos didáticos que a sua instituição disponibiliza dinamiza o processo formativo e possibilita ao aluno diferentes formas de contato com o objeto de conhecimento que se deseja trabalhar. Além de estimular a participação e a postura proativa dos aprendizes, a escolha de diferentes recursos didáticos, vai atender aos diferentes modos de aprender dos seus alunos. (CEAD SENAI CETIQT, 2018)

Entretanto, o que são recursos didáticos? Segundo Gagné “são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno” (GAGNÉ, 1971, p. 247 apud PILETTI, 2004, p. 151). Isto é, são instrumentos que auxiliam no estímulo e enriquecimento no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, pois motivam, no educando, o interesse em aprender. Isto se dá, pois, o aluno se envolve

com o conteúdo lecionado levando-o a um aprendizado mais relevante e efetivo no seu cotidiano além de tornar a aprendizagem mais significativa, acessível e envolvente aproximando-o da realidade. Piletti (2004) afirma que o uso dos recursos da comunidade contribui para diminuir a distância entre a escola e a comunidade e que, segundo Mickean, conforme atesta Piletti, estes recursos apresentam vantagens como:

[...] trazer o valor da vida real à aprendizagem que se realiza na escola; reduzir o nível de abstração; indicar o trabalho funcional da escola; abrir dupla via de comunicação entre a escola e a comunidade; ajudar o aluno a avaliar o que o mundo espera dele; constituição de novas fontes de motivação. (PILETTI, 2004, p. 152)

O sucesso do uso dos recursos didáticos se dá quando o quadro e o giz, em alguns momentos, são substituídos e o monólogo do professor vira diálogo e experimentação por parte dos alunos que começam a ter uma experiência mais dinâmica tornando o conteúdo mais envolvente, fácil e atrativo em sua assimilação além de promover um ambiente de troca de conhecimentos que proporciona a curiosidade, a observação, o questionamento, a participação e possibilita aos discentes a vivência da realidade, ampliando a visão do mundo que os rodeiam e a promoção de sua autonomia aplicando isso à realidade local, regional nacional ou mundial.

Outro fator importante no uso dos recursos didáticos pelo docente é considerar previamente no planejamento quais e como serão usados os mesmos no desenvolvimento da aula para que possa aplicá-los de maneira que cumpram com o propósito de melhor compreensão da matéria. Além disso, tudo pode ser utilizado desde que esteja relacionado com o assunto que está sendo ensinado e de maneira adequada, pois facilita a compreensão, reflexão e a interpretação do discente.

Entretanto, o docente precisa entender que não pode fazer uso dos recursos didáticos só para oferecer algo diferente aos seus alunos. Segundo Piletti, os recursos didáticos devem estar relacionados com os objetivos a serem alcançados e não porque a maioria docente está usando, como também nunca fazer uso deles quando não souber utilizá-los corretamente (PILETTI, 2004). Na verdade, o professor deve indagar se, realmente, os mesmos serão úteis no processo educativo para que não se reduza a “um ‘passar’ de slides, filmes, etc., deixando de lado questões que devem envolver o raciocínio do aluno e que levariam à mobilização de sua capacidade

operatória” (PILETTI, 2004, p. 186). Parra, nos seus estudos sobre as relações entre os recursos audiovisuais e a renovação didática, disse que “não importa o veículo usado, mas sim que, ou através do estudo individual, ou da observação coletiva, o professor crie condições para tirar o aluno da passividade frente às imagens, levando-o a agir sobre elas” (PARRA, 1972 apud PILETTI, 2004, p. 187).

2.3.1 A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS NA EJA

A imagem foi e sempre será um meio de comunicação, pois, “[...] nascida da imitação, transmite ao que vê tanto o conhecido como o desconhecido, ornando-os de um valor estético e significativo” (BESSIS, 1994, p. 159 apud GOMES e SALCEDO, 2009, p. 3). Ela está presente no nosso dia a dia, de todas as maneiras e de todas as formas. Andrade, ao se referir à imagem fotográfica, declarou:

Com os desenvolvimentos técnicos que permitiram reproduções mais nítidas, mais rápidas, as imagens fotográficas passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Mesmo que nem olhemos para elas, as imagens se confundem com a realidade, banalizando-a; vivemos com elas, sem entendê-las. (ANDRADE, 2002 apud OKUYAMA, 2015, p.1)

Como fora apresentado, o objetivo dos recursos didáticos é trazer a realidade dos alunos para dentro da sala de aula, portanto, a imagem consegue alcançar o mesmo, pois, se “constitui um processo de aquisição de conhecimento ininterrupto através das experiências e dos afetos sociais, dos indivíduos e das coletividades” (GOMES e SALCEDO, 2009, p. 5), não deixando de lado a descrição textual, mas propondo um nível de realidade que as palavras não conseguem alcançar (OKUYAMA, 2015). Santaella e Noth explicam que

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais. (Santaella e Noth, 2005, apud GOMES e SALCEDO, 2009, p. 5)

Portanto, o aprendizado se torna mais fácil, pois, o assunto que está sendo tratado sai do imaginário do aluno, para se transformar em algo presente no momento em que se está estudando determinado assunto. Piletti, por sua vez, declara que a aprendizagem se torna mais eficaz quando dois sentidos são estimulados, principalmente, se estes forem visual e oral simultaneamente com 85% de retenção do assunto ministrado (PILETTI, 2004).

Diante do contexto social extremamente difícil e extenuante dos alunos da EJA e da linha tênue entre continuar a estudar ou não devido às circunstâncias do dia a dia, o professor deve, com muito tato e criatividade, “prender” a atenção de seus alunos, não somente através do afeto que os faz sentir importantes, como também através de sua didática dentro da sala de aula. Para isso, a escolha dos recursos didáticos tem uma importância muito grande no processo educativo tanto para professores quanto para alunos, principalmente quando se trata de Educação de Jovens e Adultos, pois, estes devem fazer “a interação entre a sua real situação e os conhecimentos sistematizados que são trabalhados na escola [...] contribuindo para a compreensão e enriquecimento da realidade de vida dos alunos jovens e adultos” (PERNAMBUCO, 2016, p. 18).

Enfim, o professor deve ser criterioso na escolha dos recursos didáticos para que atenda os objetivos dos assuntos que serão ministrados sabendo usá-los corretamente e, com isso, desperte nos alunos da EJA o desejo de aprofundar-se no conhecimento adquirido tornando-os autônomos ao vivenciarem os mesmos e, assim, mudar o seu contexto no dia-a-dia.

2.4 O SELO POSTAL: UM VALIOSO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Antigamente, o envio de cartas era caro e demorado com preços que dependiam do peso e da distância até o destinatário o qual pagava pelos encargos antes de recebê-las e, sendo assim, muitos se recusavam a pagar, dando prejuízo aos correios. Em decorrência disso, Rowland Hill criou em 1840, no contexto da reforma dos serviços postais da época na Inglaterra, o primeiro selo conhecido como “Penny Black” o qual trazia a efígie da Rainha Vitória tornando-se uma revolução no sistema de entrega de correspondências, pois, comprovava o pagamento da

prestação de um serviço postal. Os primeiros selos do mundo tiveram como figuração a efígie, o brasão ou a cifra.

O Brasil foi o segundo país do mundo a emitir um selo com a série “Olho de Boi” em 1843 e, a partir de então, surgiram os selos “Inclinados” (1844), “Olhos-de-Cabra (1850) e os Olhos-de-Gato (1854). Com o passar do tempo, criou-se o Serviço Aéreo que dispunha de selos exclusivos de 1927 a 1934 até que, em 1969 fora criada a Empresa de Correios e Telégrafos (ECT) que investiu na contratação de artistas plásticos e desenhistas para melhorar a qualidade dos selos deixando-os mais atraentes e competitivos, além de incrementar a Filatelia.

Segundo o blog dos Correios, Filatelia é

Etimologicamente formada das palavras gregas φίλος (amigo, amador) e atelês (franco, livre de qualquer encargo ou imposto), a Filatelia é normalmente definida como o ato de colecionar selos, especialmente aqueles considerados raros. Mas, muito mais do que um hobby de colecionismo, a Filatelia é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte que apaixona pessoas dos mais diversos lugares do mundo. (Blog dos correios, 2020).

Embora já houvesse coleções de carimbos e cartas antes do surgimento do selo postal, a Filatelia surge no mesmo momento em que o selo postal fora lançado, pois, com o sucesso desse novo modelo de organização, outros países (incluindo o Brasil, como vimos anteriormente), começaram utilizá-lo e, como consequência disso, surgiram os colecionadores. Começou, então, a necessidade de haver uma especialização nas coleções, pois, com o grande número de selos sendo lançados, começou a ser muito difícil de colecionar todos eles (RIBEIRO Jr, 2003), portanto, foi a partir da metade do século passado que as coleções temáticas começaram a tomar forma e, com elas, surge o valor cultural e didático do selo postal que se torna também um importante veículo de comunicação dos valores de cada sociedade (FERREIRA; PENNEREIRO, 2018).

Ao longo do tempo, o selo postal transformou-se em um verdadeiro retrato cultural da humanidade carregado de significados, histórias, datas comemorativas, um importante instrumento de comunicação entre diversos povos, de diferentes países, cidades, classes sociais. Segundo Gomes e Salcedo, isto se dá, pois,

[...] os selos postais estão entre os produtos do Estado que possuem maior visibilidade interna e externa, assim como a moeda e outros símbolos iconográficos, os quais servem para legitimar uma nação [...] Por meio de elementos verbo-visuais, relacionando texto e imagem, a nação/entidade emissora veicula tanto dentro de suas fronteiras como

para além das características de sua cultura visual. (GOMES; SALCEDO, 2009, p. 7).

A importância e o significado do selo uniram e unem, até os dias atuais, colecionadores e estudiosos em todo o mundo através da filatelia. Mais que um *hobby*, colecionar selos, é um estímulo ao conhecimento e a disseminação do saber.

Gomes e Salcedo consideram que

Esse pequeno pedaço de papel, é indiferente às diversas formas como se apresenta a suportes aos quais é agregado, elimina distâncias, preserva na forma de texto e imagem (relação verbo visual), com criatividade, uma possível história da humanidade. (GOMES; SALCEDO, 2009, p. 7)

Portanto, a Filatelia surge pelo ato comum ao homem de juntar coisas, ou seja, colecionar, ato este que se vê no desejo de organizar e controlar objetos discriminando-os, ordenando-os e classificando-os. Fiegenbaum declara que, segundo Jean Piaget, isso acontece devido ao processo de seleção que antecede o da ordenação, pois, segundo o princípio da lógica matemática, a criança experimentará através dos seus objetos colecionáveis, noções de ordenação e numeração que implicarão em dedicação, pesquisa, organização e conhecimento (FIEGENBAUM, 2017).

Para muitos, a Filatelia começa como uma brincadeira de criança que, com o passar do tempo, se torna algo mais racional, entretanto, colecionar selos não é meramente juntá-los num classificador, é preciso seguir uma linha lógica na procura de selos que se enquadrem com o que o colecionador deseja tornando-a mais que um hobby, torna-se uma jornada rumo ao conhecimento de vários temas e países através das mais profundas pesquisas e é essa busca pelo conhecimento que motiva os filatelistas a continuarem suas coleções.

Diante da história e das reflexões acerca do selo postal, identifica-se a possibilidade do uso do selo como recurso didático considerando as estratégias teórico-metodológicas que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem.

2.4.1 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DO SELO POSTAL

A primeira impressão quando se vê um selo postal é a de que ali se encontra um pedaço de papel com alguns informes e imagens, porém, Fiegenbaum compreende que o “selo postal também possui uma ‘alma’, que são as expressões

materiais e imateriais, os costumes e a cultura do país emissor e de seus cidadãos” (FIEGENBAUM, 2017, p. 97) e é isso que conduz os seus colecionadores às mais profundas pesquisas com o fim de conhecer mais sobre o selo e o tema onde o mesmo deseja continuar. Além disso, várias são as pesquisas científicas que empregam os selos postais como meio de se chegar a uma determinada área do conhecimento, já que os mesmos oferecem uma vasta proposta de assuntos que podem ser estudados.

Diante desses fatos, verifica-se que os selos postais podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem quando, de forma planejada, sistemática e articulada, este material filatélico “deixa de se tornar uma mera atividade educacional de complementação ou de lazer, passando a contribuir para a educação e o aprendizado de conteúdo geral [...]” (FERREIRA e PENEREIRO, 2018, p. 15). Isto se dá, pelo fato de acreditar-se que

o selo postal, enquanto material ilustrativo, tem características marcantes, entre as quais, ser aproveitado tanto para enviar mensagens ao grande público como para educar novos leitores de mundo. (GOMES; SALCEDO, 2009, p.7)

Portanto, as estampas postais são um rico material de divulgação de várias ciências, acarretando na possibilidade do ensino de vários temas culturais, econômicos e sociais facilitando a interdisciplinaridade, na indução do aluno à curiosidade e, conseqüentemente, ao descobrimento de várias informações sobre determinado assunto ampliando o seu conhecimento e tornando a aprendizagem significativa e motivadora.

Percebe-se que existe uma maneira diferente de se entender o selo postal, pois, segundo Fiegenbaum, as imagens têm uma força inquestionável e se constituem num material didático muito importante por revelar as intenções de quem as produziu, devendo ser contextualizadas e datadas, além de ser muito útil como forma de ensinar a produção da leitura de mundo através do olhar (FIEGENBAUM, 2017). Essa leitura, convida o aluno a pensar além da imagem e da escrita, ou seja, faz o mesmo descobrir a ligação de sua realidade com o contexto que o selo oferece facilitando o processo de construção. Refletindo sobre a leitura, Betto e Freire disseram:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que ‘ler mundo’ e ‘ler palavra’ se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E ‘ler mundo’ e ‘ler palavra’, no fundo, para mim, implicam em ‘reescrever’ o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que

provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo. (BETTO; FREIRE, 1988, p.15)

Se a leitura da palavra implica nesta leitura anterior do mundo e, conseqüentemente, reescrevê-lo, o que dizer então da junção palavra + imagem que existe nos selos postais? Por esta razão é que o uso dos selos em sala de aula é tão importante, pois leva o aluno à zona de interesse e, daí em diante, dentro do seu “universo”, edificar o seu conhecimento com vistas a transformação do mundo.

O USO DOS SELOS POSTAIS NA EJA

3.1. O TRABALHO COM SELOS NA SALA DE AULA

A proposta de trabalhar com o selo postal como recurso didático para as turmas de EJA se deu na aula de Estágio Supervisionado em EJA. Neste tempo, a escola escolhida para fazer o estágio fora a E.M.E.F. Lions Tambaú situada na Rua Francisco Timóteo de Souza, nº 31, no bairro dos Bancários em João Pessoa – PB. A escola oferecia à comunidade o Ensino Fundamental I e II e EJA, possuindo 533 alunos matriculados oriundos de famílias de baixa renda, sendo 190 nos anos iniciais, 177 nos anos finais e 166 na EJA e atendia à população residente, não só no bairro supracitado, como também a população da comunidade do Timbó.

A E.M.E.F. Lions Tambaú possuía uma sala onde se encontrava a diretora e aqueles que a auxiliavam (Coordenação Pedagógica, etc), sala dos professores, biblioteca, laboratório, sala de vídeo e sala de leitura. Seu corpo docente era formado de professores com licenciatura para lecionar nas respectivas matérias às quais ensinavam, pedagogas especialistas e uma equipe técnica composta das mais variadas licenciaturas.

Em seu programa anual estava o apoio aos pais através de palestras, com um polo dentro da comunidade do Timbó para atender a algumas mulheres que não podiam sair da comunidade por motivos diversos.

A classe na qual fiz o estágio pertencia ao Ciclo I e a sala de aula disposta para essa turma era bem ampla e com um clima agradável devido ao uso do ar condicionado existente na mesma. Os alunos, por sua vez, eram compostos por homens e mulheres oriundos da classe baixa e média baixa da sociedade onde, em sua grande maioria, são trabalhadores braçais e empregadas domésticas. Já a professora que me supervisionou, por ser formada em Pedagogia com Especialização em Supervisão Escolar, organizava, ensinava e orientava muito bem os seus alunos através de aulas expositivas, recorte e colagem, atividades escritas, etc. Sem utilizar linguagem infantilizada, ela trabalhava, na Língua Portuguesa, o reconhecimento das letras, os encontros vocálicos e consonantais e a separação silábica com sua classificação e, na Matemática, números crescentes e decrescentes, antecessores e sucessores, adição por reagrupamento e subtração.

Portanto, escolhi trabalhar com o ensino de Português e Matemática através dos selos postais por entender a grande e rica quantidade de assuntos que poderiam ser abordados usando-os como estratégia de ensino.

Neste período de estágio supervisionado fui muito bem recebido por todos do colégio os quais me trataram muito bem, com o interesse enorme em me ajudar em todos os momentos e intervir em qualquer situação. Os alunos, por sua vez, a princípio, ficaram um pouco desconfiados com a minha presença na sala de aula, mas, depois que a professora me apresentou como um estagiário pronto a ajudá-los, percebi que eles ficaram mais confortáveis com a minha presença e solidários a qualquer dificuldade que tivesse.

Diante desse quadro amistoso, na primeira regência, fora apresentada a estrutura do selo postal, contendo:

- Legenda: Indicativo escrito do motivo da emissão do selo;
- Artista: Nome do desenhista do selo;
- Valor facial: Preço que será pago pelo selo à agência dos Correios;
- Nacionalidade: País ou autoridade postal emitente;
- Ano de Emissão: Ano da impressão ou fabricação do selo;
- Gravador: Local onde o selo foi impresso;
- Margem: Espaço em branco entre o desenho e os picotes;
- Picotagem: Orifícios que facilitam a separação dos selos pelos agentes postais.

Logo após, trabalhei a disciplina de Português que, em razão da turma ser do Ciclo I da EJA e a pedido da professora, pude reforçar o reconhecimento das letras consoantes que eles já tinham aprendido (B, C, D e F) através da atividade de procurar e circular as palavras com essas letras nos selos postais. Na primeira folha de atividade pediu-se que os alunos identificassem circulando as palavras com as letras B ou b e C ou c apresentando as imagens de um selo postal ordinário no valor de cinco centavos, um selo comemorativo da Jornada Mundial da Juventude realizada no Rio de Janeiro em 2013 e um bloco de selos sobre a Preservação Ecológica da Juréia. Posteriormente, na segunda folha de atividade, pediu-se que os alunos identificassem circulando as palavras com as letras D ou d e F ou f apresentando a imagem do selo comemorativo ao Bicentenário da Aclamação de D. João VI, de um selo de Portugal com a imagem de uma andorinha daurica e de um selo comemorativo da Copa do Mundo de 1970. Todos os selos representados nas imagens foram apresentados aos alunos para que pudessem ter ideia do contexto que cada um fora confeccionado. Os alunos, por sua vez, gostaram das imagens, principalmente, da

estampa postal do Papa Francisco em comemoração à Jornada Mundial da Juventude realizada no Rio de Janeiro em 2013 já que alguns que estavam na sala de aula eram de origem católica romana.

Na segunda atividade, propus que eles procurassem os encontros vocálicos e consonantais das palavras contidas nos selos identificando-os através de vogais confeccionadas e recortadas em papel couche. Para que não copiassem uns dos outros, fiz a mesma atividade, porém, com imagens diferentes. Uma das folhas de atividade continha as estampas postais em comemoração aos 100 anos do Fortaleza Esporte Clube e da comemoração ao Centenário de Nascimento de Nelson Mandela com a arte do mundialmente famoso grafiteiro Eduardo Kobra onde pude expor um pouco do contexto de cada uma das mesmas, havendo uma identificação por parte da maioria dos alunos com a história de Nelson Mandela e sua luta contra o apartheid. Na outra folha de atividade continha a estampa postal em comemoração ao Milésimo Gol de Pelé onde pude falar um pouco da repercussão do milésimo gol do mesmo quando este intercede pelas crianças pobres e os desamparados do Brasil e uma outra estampa postal com a imagem do Museu Nacional do Rio de Janeiro em comemoração aos duzentos anos do mesmo onde pude falar um pouco sobre o incêndio e da falta de atenção dada aos museus no Brasil. Por fim, em outra atividade, pedi aos alunos que procurassem palavras com B e C no selo comemorativo da Copa do Mundo de 1970, escrevessem-nas na folha de atividade e separassem as sílabas das mesmas. Os alunos não mostraram nenhuma objeção em fazer as atividades, pelo contrário, ficaram entusiasmados para fazê-las mostrando grande interesse. Alguns, por sua vez, encontraram um pouco de dificuldade, mas, com a minha ajuda estes conseguiram completar as atividades propostas.

Na segunda regência, fora trabalhada a disciplina de Matemática onde fora propostas atividades com os assuntos: Números crescentes e decrescentes, antecessores e sucessores, adição e subtração através do cálculo dos preços e dos anos de edição dos selos.

A primeira atividade consistia em colocar os preços dos selos em ordem crescente de valores apresentando duas séries de selos, uma de selos ordinários brasileiros e outra de selos portugueses com a temática de aves, e percebi que os alunos usaram o seu conhecimento do dia a dia fundamentado nas compras que faziam quando eram crianças para colocar em ordem todos os valores que estavam nos selos justificando o dizer de Freire quando, em uma entrevista, disse que “há uma

sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social que o povo participa” (FREIRE e BETTO, 1988, p.14), ou seja, por estarem “enraizados” em seu espaço-temporal que os deixam “carregados” de compromisso com sua realidade, os alunos levam pra dentro da sala de aula uma série de experiências e saberes que, se forem bem aproveitados, poderão ajudar o aluno no seu aprendizado. Ainda nesta atividade, pude usar os selos brasileiros e portugueses para fazer um comparativo entre o valor da moeda brasileira e o da moeda europeia e observar a desvalorização da moeda do nosso país trazendo grande espanto aos alunos.

Na segunda atividade, fora pedido aos alunos que colocassem os anos dos selos em ordem decrescente, alguns dos mesmos tiveram uma certa dificuldade, porém, com a minha ajuda, eles conseguiram fazer esta atividade.

A terceira atividade fora dedicada a trabalhar os números antecessores e sucessores. Fora, então, pedido aos alunos que colocassem embaixo da gravura do selo de dois cruzeiros comemorativo da Copa do Mundo de 1970 o selo com o preço que antecedia e que sucedia o da gravura implícita na atividade.

Na quarta atividade fora trabalhada a adição por reagrupamento. Para isso, coloquei três blocos com selos onde os alunos tinham que fazer a soma dos mesmos em cada bloco. Um dado importante a ser comentado foi o fato de ter um bloco de selos em Cruzeiros que, a partir de então, pude falar das mudanças da moeda brasileira ao longo dos anos e, pude notar que muitos não tomaram conta dessas mudanças. Ficou nítido que os alunos pouco se deram conta dessas mudanças parecendo que não fizeram parte do contexto social que os abarca

Por último, fora trabalhada a subtração para indicar a diferença de anos de um selo para o outro.

A prática das regências foram muito boas. A direção do colégio me emprestou materiais para o desenvolvimento das atividades quando precisei e a maioria dos alunos, não só cumpriram com os objetivos que lhes eram propostos, como também revelaram um grande interesse em aprender. Poucos foram os que não conseguiram fazer as atividades, devido à algumas limitações que esses tinham e que me fora relatado pela professora.

Em suma, foram ótimos momentos de muita aprendizagem onde pude reforçar o que a professora havia dado em sala de aula, aprender com os momentos que cada aluno vivenciou ao desenvolver as atividades e conhecer um pouco mais da vivência

de uma sala de EJA aumentando ainda mais o meu interesse por esta modalidade de ensino.

3.2. ANÁLISE DO USO DOS SELOS POSTAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NA EJA

No decorrer do uso dos selos postais como recursos didáticos, pude ver os objetivos específicos esperados serem atingidos:

O primeiro se dá ao entender em que o selo postal pode ser uma rica ferramenta na construção do conhecimento na Educação de Jovens e Adultos. Uma das maiores qualidades que se tem no ramo da Filatelia Temática é a de se exigir um permanente e acurado trabalho de pesquisa e de estudo por parte do colecionador, onde o que mais chama a atenção neste tipo de coleção, não é a distração que vira uma terapia, mas, a enorme quantidade de conhecimentos que se adquire gradualmente de uma forma simples e sem realizar esforços. Seu fascínio se dá, pois, a cada dia, os temas têm se especificado cada vez mais, novos conhecimentos e materiais são incorporados à mesma e, desta maneira, revela a necessidade de mais estudo. Diante disso, pode-se ver que o selo postal é uma rica ferramenta na construção do conhecimento, pois, traz consigo um rico e profundo arsenal de conhecimento cultural, social e econômico capaz de motivar e conduzir o aluno à profundas descobertas. Isto pode ser visto dentro de sala de aula ao ser feita a exposição do contexto histórico das estampas postais dentro das atividades trabalhadas, fazendo com que os alunos da EJA tivessem maior atenção e curiosidade na aquisição do conhecimento, aumentando, assim, o interesse pelo aprofundamento cultural.

No segundo percebe-se que o selo postal potencializa o conhecimento interdisciplinar no momento em que este pode ser usado para divulgar o conteúdo de várias ciências dentro da sala de aula, pois, como disse anteriormente, a cada dia os temas na Filatelia Temática vão se especificando trazendo uma diversidade de assuntos que, muitas vezes, se interligam e apresentam aos seus interlocutores um novo olhar de mundo possibilitando a contextualização dos assuntos e a promoção da interdisciplinaridade entre os mesmos. Nas vivências de Português que tive no colégio o qual estagiei, pude trabalhar simultaneamente com a História e Religião ao falar do selo postal que comemorou a Jornada Mundial da Juventude realizada no Rio de

Janeiro em 2013, de personalidades históricas e seus feitos como Néelson Mandela e Edson Arantes do Nascimento (Pelé), de Geografia e Ciências ao falar do bloco de selos sobre a Preservação da Estação Ecológica da Juréia e de Artes ao mostrar a arte de Eduardo Kobra no selo comemorativo dos cem anos de nascimento de Néelson Mandela. Na vivência de Matemática, por sua vez, pude trabalhar com a História ao falar das mudanças da Moeda brasileira e com a Geografia ao trabalhar com a diferença de valor da moeda brasileira (Real) e a moeda europeia (Euro). Estes exemplos nos mostram que a estampa postal pode interagir com várias disciplinas ao mesmo tempo, revelando inclinação para a interdisciplinaridade.

No terceiro, pude observar também que o selo postal pode interagir com as vivências do jovem e adulto no seu dia a dia, pois, apresenta aos alunos, temas que podem ser utilizados para discussões em sala de aula. Estes temas variam muito e vão desde a área da saúde pública como o da Campanha contra o Mal de Hansen de 1965, a Campanha de Redução de Acidentes nas Estradas de 1995, etc., passando por comemorações a vultos célebres como o das Mulheres Famosas do Brasil de 1967, o 5º Centenário de Pedro Álvares Cabral de 1968, etc., festas comemorativas como o Dia das Mães, Dia das Crianças, Natal, etc., e vários outros temas nos quais poderíamos gastar várias páginas para apresentá-los. Isto pode ser vivenciado na sala de aula ao ser exposto o contexto do selo postal em homenagem ao Centenário do Nascimento de Nelson Mandela quando falou-se um pouco sobre o regime do apartheid e da luta vitoriosa do mesmo para que esse regime fosse extinto na África do Sul, havendo uma identificação do grupo na questão da luta contra o preconceito racial.

Cada aluno, segundo Freire, não apenas “está no mundo, mas também está com ele” e que, por esta razão, “deve-se estabelecer uma relação dialética com o contexto da sociedade à qual se destina” (FREIRE, 1979, p.62). Portanto, ao trazer para dentro da sala de aula os selos postais, por estes serem cheios de informações, não só pelas palavras e números que contém, mas, também pela riqueza de temas que podem ser trabalhados durante a ministração das aulas, viu-se as palavras de Freire se tornando prática ao revelarem sua associação com o contexto que vivem nas atividades feitas em sala ao mostrar a “leitura anterior de mundo” (FREIRE e BETTO, 1988, p. 15) que cada aluno tinha ao ver as figuras que estavam nos selos e, através delas, identificarem as palavras e executarem as atividades que lhes foram pedidas na regência de Língua Portuguesa, como também lembraram das compras

do dia a dia quando se depararam com o preço dos selos e tiveram que trabalhar com eles.

Sendo assim, diante de tudo o que pude estudar e colocar em prática, aprendi que, diante de uma série de produtos culturais e as novas tecnologias para a aquisição de informação, o selo postal é importante como recurso didático na construção do conhecimento dos educandos da EJA por entender que o mesmo possui “características marcantes que podem enviar mensagens ao grande público como também educar os novos leitores de mundo” (GOMES e SALCEDO, 2009, p.7), ou seja, o selo postal cumpre com a finalidade de ser um recurso didático, pois, segundo Demo

[...] A finalidade específica de todo material didático é abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução. Neste sentido, é instrumento, não a última e única palavra. (DEMO, 1998, p.45 apud Fiegenbaum, 2017, p. 103).

Os selos postais, portanto, oferecem aos alunos uma nova maneira de enxergar o assunto ministrado em sala de aula convidando-os a pensar além da imagem e da escrita ao revelar a inter-relação entre a sua realidade e o contexto oferecido pelo selo possibilitando a apropriação dos conteúdos, a construção e reconstrução do conhecimento, como também, a facilidade de desenvolver, nos mesmos, a sociabilidade e a cooperação neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pude perceber o quão pouco se trabalhou ao longo dos séculos da chegada dos portugueses às terras brasileiras para que a população recebesse a educação básica. Vi uma EJA conduzida no início da colonização das terras brasileiras com muita negligência e separação de classes e com alguns “lampejos” de intenção na educação do povo que não passaram de investidas sem muito interesse por parte de seus governantes e, todas as vezes que houve investidas educacionais, tinha-se um interesse capitalista por trás dessas ações, ou seja, o interesse de enriquecimento a todo custo.

Observei também que os desfavorecidos, os que não tinham a educação básica, em diversos momentos na história foram tratados com preconceito, descaso e, não poucas as vezes, culpados pela sua situação de analfabetismo levando-os a enxergar o acesso aos estudos como filantropia, algo a ser doado à pessoas que não se esforçaram ao longo de suas vidas para receber o conhecimento dado na escola, lugar que era e ainda é visto como o único centro detentor do ensino de saberes, negando assim, os conhecimentos informais “gerados na prática social de que o povo participa” (FREIRE, 1988, p. 14) e que se cruzam, cheios de significação, nos mais variados ambientes (FREIRE, 2014), passando ao povo a ideia da educação como um favor e não como um direito adquirido (MOURA, 2019).

Entretanto, os que lutaram e lutam pelos jovens e adultos que tiveram o seu direito a educação negado sendo “vítimas de uma exclusão, patrocinada, intencional e injustificável, alimentada ao longo da nossa história de formação como povo” (BARROS, 2018, p. 2), apesar de sofrerem represálias das mais diversas possíveis, sejam elas através da perseguição ou de calúnias geradas ao longo do tempo e que até hoje perduram, “remam contra a maré” na esperança de uma educação justa para todos ser uma realidade no nosso país e que a história, as realidades de vida e os saberes de cada aluno sejam valorizadas ao ponto de se adequar e estabelecer uma inter-relação entre o currículo da escola e os conhecimentos adquiridos nos ambientes de vida e trabalho dando um novo significado ao conhecimento que o jovem e o adulto já tem, levando-os à novas descobertas e tornando-os pessoas capazes de mudar o seu contexto social através do exercício da criticidade.

Diante desses fatos, é preciso que o professor da EJA entenda que a sua didática deve melhorar a cada dia para entender o contexto de seus alunos, adequando os saberes dos mesmos ao dia a dia de sala de aula e, para isso, deve usar recursos didáticos que os estimulem a participar das aulas tornando o

aprendizado mais interessante, prático e significativo, aproximando o aluno da realidade. Sendo assim, é interessante que o professor use materiais de maior retenção do conteúdo o qual ele quer ministrar.

Por serem materiais imagéticos, os selos postais contribuem para uma melhor absorção do conteúdo, pois:

- Possuem um vasto conteúdo informativo, tanto nas atraentes estampas postais como na amplitude do seu contexto o qual é muito estudado pelos filatelistas na composição de suas coleções temáticas, facilitando a procura da origem do assunto e a razão de sua confecção;
- Facilita a interdisciplinaridade ao divulgar, simultaneamente, vários tipos de ciências com uma diversidade de assuntos que se interligam;
- Muitos dos seus assuntos trazem as vivências dos alunos fazendo-os se identificarem com a imagem e o contexto da mesma facilitando a abordagem de assuntos os quais o professor queira ministrar em sala de aula.

Portanto, vê-se no selo postal uma poderosa e importante ferramenta didática para ser usada na EJA que, aliada a leitura anterior de mundo que cada aluno tem, conduz os mesmos a refletirem além do que está sendo visto, seja em imagem e/ou palavra. Na verdade, este “pequeno pedaço de cultura” revela uma correlação entre a sua realidade e um mundo de conhecimentos que podem ser extraídos no processo de construção dos mesmos facilitando o aprendizado para o educando.

Sendo assim, a importância deste trabalho para a área da EJA e sua vida profissional e acadêmica se dá ao revelar a grande contribuição que o selo postal tem como recurso didático por facilitar ao docente escolher peças que o ajudarão a desenvolver vários assuntos, não só pelo vasto contexto que cada uma delas apresenta, como também na diversidade de disciplinas que podem ser abordadas simultaneamente. O discente, por sua vez, tem no selo postal o atrativo informativo e imagético que leva-o a identificar-se com a imagem, facilita o entendimento dos assuntos abordados em sala de aula e o conduz no aprofundamento e construção do seu conhecimento motivando-o dentro de suas experiências sociais com vistas a transformação do mundo.

Enfim, a minha infância e adolescência foram marcadas por várias coisas. No entanto, nunca pensei que os vários álbuns figurinhas incompletos fossem me levar a algo tão extraordinário e com tanto conhecimento embutido em seu contexto como os selos postais e, o que era uma paixão de adolescente, hoje vira um instrumento

educacional capaz de contribuir na construção de conhecimentos úteis à Educação de Jovens e Adultos preparando-os para serem construtores de uma nova realidade de vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edilene. **Qual é o papel da EJA no Brasil | Conexão**. Youtube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SX0aNvUKoj0&t=1385s>. Acesso em: 26 fev. 2020. 18:30:20

BARROS, Maria Cláudia Meira Santos; GUEDES, Josevânia Teixeira; ANDRADE, Magnólia Pacheco. A Educação de Jovens e Adultos sob um olhar reflexivo: ângulos de visão e pedras pelo caminho. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 11, n. 1, 2018. 19:00:00.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil- Vol. III-Século XX**. Editora Vozes Limitada, 2012.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa; BELMINO, JFB. Recursos didáticos: uma melhoria na qualidade da aprendizagem. **Editora Realize**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito__fde094c18ce8ce27adf61aedef31dd2d6.pdf> Acesso em, v. 13, 2013. Acesso em 11 dez. 2019. 19:00:00

BETTO, Frei; FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática. 1988, 96 p.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário Oficial, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução / **Secretaria de Educação Fundamental**, 2002. 148 p. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/**Câmara de Educação Básica**. Disponível na Internet em http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf. Acesso em 15 jan. 2020. 16:00:00.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000. **Ministério da Educação**. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf. Consultado em 25 fev. 2020. 22:00:00.

BRASIL. Programa Brasil Alfabetizado. **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>. Acesso em 19 fev. 2020. 16:00:00.

BRASIL. **Ministério da Educação**. 2006? [S.l.] Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf. Acesso em 15 jan. 2020. 14:00:00.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa nacional de integração profissional com a educação básica na modalidade de jovens e adultos**. Disponível em: www.gestao_escolar.diaadia.pr.gov.br. Acesso em 25 fev. 2020. 13:00:00.

CEAD SENAI CETIQT. **Recursos Didáticos em Ambientes Pedagógicos**. 2018. Disponível em www.youtube.com/watch?v=rwd-pm4siUw>. Acesso em 15 jan.2020. 15:00:00.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2001, 193 p.

DI PIERRO, Maria Clara. A invisibilidade da alfabetização e EJA na agenda do governo Bolsonaro. **Carta Capital**. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/a-invisibilidade-da-alfabetizacao-e-eja-na-agenda-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 24/02/2020 às 20h30.

FERREIRA, D. H. L. e PENEREIRO, J. C. **Algumas considerações sobre a história e aplicações da estatística por meio da filatelia**. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3892>. Acesso em 25 fev. 2020. 19:00:00.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1983. 150 p.p.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 80 p.p.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993, 119 p.p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 143 p.p.

FIGENBAUM, Maicon. **Os “pequenos notáveis”**: a utilização do selo postal no processo de ensino-aprendizagem da geografia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165169>. Acesso em 20 dez. 2019. 15:10:00.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. Barueri: Manole, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008, 200 p.p.

GOMES, Isaltina M. A. M. e SALCEDO, Diego A. **A visibilidade da ciência nos selos postais comemorativos**. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/263/313>. Acesso em 01 mar. 2020. 10:47:10.

HISTÓRIA DA FILATELIA. **Blog dos Correios**. 2020. Disponível em: http://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=206. Acesso em 04 jan. 2020. 19:00:00

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Edições Loyola, 1985, 152 p.p.

MOURA, Ana Paula A. **Qual é o papel da EJA no Brasil | Conexão**. Youtube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SX0aNvUKoj0&t=1385s>. Acesso em: 26 fev. 2020. 18:30:20

OKUYAMA, Leonardo C. M. **A imagem na educação**. 2011. Disponível na Internet em: <http://www.uel.br/projetos/lenpes/pages/arquivos/aOKUYAMA%20Leonardo%20Calvo%20Martins.pdf>. Acesso em 01 mar. 2020. 10:47:30.

PACIEVITCH, Thais. Educação de Jovens e Adultos. **Infoescola**. [2006?] Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/de-jovens-e-adultos/>. Acesso em 25 fev. 2020. 10:47:15.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5^o ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987, 368 p.p.

PARAÍBA. Normas para a Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Sistema Estadual de Ensino. **CEE/PB**. 2016. Disponível em <https://www.cee.pb.gov.br/resolucoes/resolucoes-normativas/>. Acesso em 15 mar. 2020. 23:20:00.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23 ed. São Paulo: Ática, 2004, 258 p.

RIBEIRO JR. Carlos de A. **Filatelia – breve histórico**. Afrafite. 2003. Disponível em www.abrafite.com.br. Acesso em 24 fev. 2020. 17:00:00.

RODRIGUES, Zuínglio. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Condições Históricas e Legislativas**. *Só Pedagogia*. 2011. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/historicoelegislativo/index.php?pagina=1>. Acesso em 22 jan. 2020. 20:47:00.

STRELHOW, Thyeles B. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. Disponível em: [www.histedbr.fe.unicamp.br > revista > edicoes > art05_38](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/art05_38). Acesso em: 15 dez. 2019. 18:00:00

VILELA, Lorraine. **O que é Encceja – certificação para ensino fundamental e médio**. Brasil Escola. 2019. Disponível em www.brasilecola.uol.br. Acesso em 20 fev. 2020. 18:00:30.